



PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento:** A língua como janela para a natureza humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 561 p.

É difícil falar sobre a abrangência da filosofia da mente no cenário atual da filosofia. Discussões acerca do dualismo corpo-alma, ideia vinda de Descartes, até as relações entre a natureza, biologia, neurociência e processos cognitivos, tomaram conta do debate atual não só da filosofia, bem como de vários ramos das ciências. As novas descobertas científicas, a possibilidade de se mapear o cérebro e as novas pesquisas no campo da psicologia, permitiram ao homem se perguntar, sob um novo viés, o que de fato é o conhecimento, como se dá esse processo e o que nos é permitido fazer com aquilo que conhecemos. Começamos então uma era de discussões que partem da simples relação homem-objeto até inteligência artificial.

Os aspectos que vão desde a possibilidade do conhecimento até linguagem, hoje são revistos e boa parte dessas questões vem dos avanços científicos que nos possibilitam verificar todas as funções do nosso corpo, rastrear antes mesmo do nascimento problemas que possam surgir ao longo da vida e, especialmente, escanear e não mais fazer uma simples autópsia do nosso cérebro.

Dentro deste contexto temos Steven Pinker considerado hoje um dos maiores cientista cognitivista do mundo. Canadense, foi diretor do Centro de Neurociência Cognitiva do MIT e atualmente trabalha no departamento de psicologia de Harvard. Usando um viés linguístico e biológico, boa parte de sua literatura se volta às discussões sobre como o pensamento se relaciona com o mundo, ou seja, de que modo pensamos o mundo e conseguimos falar, com certa eficiência, sobre ele.

No livro *Do que é feito o pensamento*, Pinker vai tratar da relação das palavras com o pensamento ou, como o autor sempre frisa, da relação entre as palavras e as questões humanas. A maneira como as palavras constroem uma realidade e a responsabilidade que os falantes assumem ao escolher o modo como vão falar sobre determinado assunto, criam uma rede de conceitos pelo qual nossa visão de mundo é construída. O texto nos leva a pensar

em como uma nova palavra, a partir do momento em que é proferida pela primeira vez, torna-se de entendimento comum em meio a comunidade de falantes. Esses neologismos, além de falarem algo sobre alguma coisa, estão carregados de sentimentos, que dotam as palavras uma espécie de magia, tabu ou pecado. Para além das palavras, a linguagem exerce um poder sobre as nossas relações sociais, não só no sentido de passar uma ideia ou ideologia, mas para negociar o tipo de relacionamento que queremos manter com o nosso interlocutor. Essa particularidade social que nos leva a escolher determinadas palavras para certas situações, nos leva não só a conseguir convencer alguém, mas também mostrar qual o tipo de postura que temos em relação ao mundo.

Para Pinker, os nossos comportamentos e todas as nossas expressões linguísticas têm um componente biológico. Para o autor a nossa mente tem todo subsídio necessário para que possamos interagir no mundo. Esse subsídio está longe de ser algo como “a nossa mente tem todo conhecimento que precisamos”, pelo contrário, a ideia de Pinker é que nossa mente opera com algumas categorias, sem as quais, seria possível aos homens se entenderem acerca das coisas do mundo.

Espaço, tempo, causalidade e substância, são as categorias que o autor elenca para relacionar o modo como a nossa mente interpreta o mundo. Diz o autor que, ainda que os acontecimentos do mundo sejam independentes da nossa vontade, a nossa mente tende a fazer uma relação de causa, ou seja, se algo acontece neste exato momento, é porque foi impulsionado por outro acontecimento anterior. Essa ideia de impulsão não é exatamente aquela que nos remete à Lei da Inércia, mas sim algum evento que se segue de outro, como se o mundo fosse uma sucessão infinita de acontecimentos ordenados.

Como ponto de partida para ilustrar sua argumentação, Pinker coloca uma série de exemplos, desde a teoria do multiverso, as recentes descobertas da Física que versam sobre a existência de inúmeras dimensões e a nossa incapacidade de projetar algo que fuja a lógica. Podemos pensar e falar sobre algo improvável como elefantes de sapatilhas, mas nunca algo impossível como um quadrado com 5 lados ou dois objetos dispostos lado a lado onde nenhum dos dois fica à esquerda. Ainda reforçando a posição tomada, o autor recorre à ética e a dificuldade em se definir o que de fato é liberdade, ou seja, se um sujeito toma uma decisão coerente aos acontecimentos, entende-se que houve um gatilho anterior, visto que já era uma resposta esperada. Por outro lado, como pode o mesmo sujeito sentir culpa por algo

que é fruto de sua liberdade, ou seja, uma decisão que foi tomada aleatoriamente. Há de existir algum nexo causal entre acontecimentos e decisões.

Pinker coloca que esses questionamentos não têm nada de original, mas são apenas releituras daquilo que Kant já havia dito no século XVIII. Segundo o autor, Kant coloca que todo conhecimento humano advém das experiências empíricas ao longo da vida. Porém, essas experiências de nada adiantariam se não tivéssemos *a priori* as categorias de substância, causalidade, espaço e tempo. Assim, temos que nossas experiências são devidamente ordenadas e conformadas a essas categorias e, neste sentido, elas poderiam ser a base lógica que sustenta as nossas crenças e uma vida comum, e nos impede de pensar o impossível.

De acordo com Pinker, a substância ou os substantivos muitas vezes passam ao largo de uma reflexão mais apuradas, pois eles parecem tão simples e corriqueiros como o próprio fenômeno da linguagem. O primeiro problema levantado relaciona-se aos nomes próprios que acabam virando substantivos, com zíper, gilete, xerox, etc. e também os substantivos que acabam virando predicados com significados próprios dependendo do contexto em que é colocado, tais como: ‘meninos sempre serão meninos’, ‘que será, será’ que significam, ‘não importa a idade, homens sempre agem da mesma forma’ e ‘o que tiver que acontecer, acontecerá’, respectivamente. Estes exemplos nos colocam a necessidade de percebermos que, ainda que para a lógica a distinção entre referente e predicado não seja considerada, visto pelo ponto de vista psicológico ele é fundamental, pois mostra a nossa forma de pensar, de nos relacionar com o mundo.

Outro exemplo que Pinker coloca, é a respeito da diferenciação que fazemos entre substâncias contáveis e incontáveis e como a nossa mente se adapta ao pensar num objeto como todo ou como partes. Temos uma rocha e vamos destruindo-a pouco a pouco, passamos de rocha para pedra, pedregulho, areia e pó, ainda que tudo isso seja a própria rocha, temos palavras diferentes para designar cada momento. Diz o autor que a mente tem a capacidade de interpretar a matéria como contáveis ou incontáveis e que essa nossa capacidade não advém das experiências ao longo da vida, visto que, como já foi provado, crianças com dois ou três anos são capazes de separar objetos por substâncias. Outro ponto a favor do argumento cognitivista é o fato de entidades abstratas também serem divididas nessas duas categorias. O exemplo funciona na língua inglesa, onde os falantes dizem *opinions* como algo contável, ao passo que distinguem de *advice* que é incontável.

Substâncias abstratas não são passíveis de experiências, logo, deve ter algum componente anterior na base de nossas expressões.

A segunda categoria que Pinker analisa é o espaço. Diz o autor que nossa linguagem não dá conta de especificar exatamente o espaço, tornando as informações ambíguas, fragmentadas e imprecisas. Ele atribuiu este problema ao fato de que, em geral, nós transformamos objetos 3-D em 2-D para que seja mais simples a comunicação e a nossa representação mental, ou seja, não costumamos descrever um DVD como um cilindro achatado, porque não nos parece importante salientar o fato de que um DVD tem as 3 dimensões. Da mesma forma, vemos que a nossa precisão ao descrever onde um objeto está, também é bastante relativa. Entre um operador de guindaste e um neurocirurgião, a diferença espacial toma proporções bem diferenciadas, ainda que as expressões como *aqui e lá*, possam ser usadas por ambos profissionais.

Outro fato curioso levantado pelo autor diz respeito a buracos. Costumamos nos referir a buracos como objetos, em contrapartida não conseguimos imaginar objetos sem peso e sem matéria, que é propriamente o que define um buraco. Vemos então que a nossa concepção de espaço tá longe da precisão da geometria e, mesmo ela funcionando relativamente bem no nosso cotidiano, nos empregos onde a precisão faz diferença, como em posição correta de alguém perdido na mata ou localização de aviões, a nossa capacidade de nos colocarmos no espaço fica perdida.

Essa mesma imprecisão que vemos na análise do espaço, encontramos em relação ao tempo. E não é difícil se pensar que muitas das nossas expressões sobre o tempo remetem ao espaço, tais como: *o inverno está próximo, a velhice alcança a todos, etc.* Isso demonstra que, ainda que consigamos pensar num espaço de tempo em que nada acontece, não conseguimos pensar em algo acontecendo que não seja num espaço de tempo. Essa ideia se reflete no modo como utilizamos os tempos verbais. Dependendo do auxiliar ou da palavra empregada, o sentido pode mudar significativamente.

Temos então que, da mesma forma que o espaço não tem a precisão das coordenadas geométricas nas ações cotidianas, o mesmo ocorre com o tempo, que não se desenrola com a precisão do relógio. O tempo é percebido a partir das nossas ações e da nossa capacidade de realizar algo. Ou seja, o espaço é definido a partir do uso que fazemos dele (como no exemplo do neurocirurgião e do operador de guindaste), ao passo que o tempo é relativo ao objetivo e a nossa competência em desenvolver determinada ação.

A última categoria analisada é a causalidade que, segundo Pinker, ainda que seja a base da ciência moderna, atualmente é tomada em descrédito por boa parte da comunidade científica. Diz o autor que a nossa mente tende a separar os acontecimentos numa rede organizada, como se tudo que ocorre no mundo tivesse um estímulo anterior. Em geral, esses estímulos tomados como certos no dia a dia, não são assim interpretados pela física, por exemplo. Para provar tal ponto, o autor usa o exemplo do fósforo em que a maioria das pessoas considera que ao riscarmos o fósforo na lateral da caixa, ele acende, como se a causa do fósforo aceso tenha sido o contato com a lateral da caixa, e não levam em consideração o fator oxigênio, por exemplo.

Desta forma, Pinker coloca o nosso mundo como ‘fictício’, onde a realidade científica não corresponde com as informações que trocamos no uso corrente de nossas expressões. Essa noção de causalidade faz parte das nossas crenças acerca do mundo. Ao vermos o céu cinza, isso nos remete imediatamente a grande possibilidade de que chova, se tem fumaça, é porque há fogo. Essas crenças mantêm o mundo estável e nos permitem falar acerca dele.

Para além da discussão cognitivista sobre as categorias que operam nossa mente, Pinker faz uma série de passeios sobre certas expressões e palavras que assumem um papel indesejável na sociedade. Essas palavras e expressões remetem-se às excreções, obscenidades e sexo. Diz o autor que mesmo nas constituições mais democráticas onde a liberdade de expressão é protegida a todo custo, palavra que remetem a qualquer tipo de necessidade biológica ou que remetam a própria condição humana, são sempre colocadas como exceções, passíveis de punição se ditas em público. Assim, o autor coloca o estranho enigma do ‘palavrão’ e porque algumas palavras têm o poder ser valorada muito mais pelo papel social do que pelo que de fato ela significa. Pinker então retoma a argumentação sobre o papel dos sentimentos que estão embutidos nas palavras. Podemos pensar que no início de 1900 ‘desgraçada’ ou ‘não ter a graça divina’ era algo extremamente rude, no entanto, hoje não tem mais o mesmo valor e, de certa forma, está caindo em desuso.

Não é difícil, a partir da leitura do texto do Pinker, refletir sobre o quanto imprecisas são as nossas expressões e, ainda assim, o quanto é relativamente simples nos comunicarmos. O esquema mental que subjaz nosso entendimento acerca dos acontecimentos, parece ser algo anterior a qualquer tipo de experiência, não que nós tenhamos uma espécie de dicionário de conceitos já colocado na mente, mas as categorias

que nos permitem adequar nossas experiências também permitem um acordo entre nós sobre os fatos.

Existe então, neste sentido, um componente biológico e um componente social. O componente biológico nos permite entender o mundo e nos impede de imaginar o impossível. O componente social nos ensina a nos relacionarmos com os objetos e acontecimentos, visto que cada língua tem seu modo particular de se relacionar com o mundo.

Karyn Cristine Cavalheiro

Bacharel em Filosofia

Mestre em Filosofia da Linguagem - PUC-PR

Doutoranda em Estudos Linguísticos - UFPR

Professora da FAMEC